

MUSICOTERAPIA COM TRABALHADORES: UMA VISÃO FENOMENOLÓGICA DAS PUBLICAÇÕES BRASILEIRAS

Natalia Farias Baleroni²²
Lydio Roberto Silva²³

RESUMO

Este artigo abrange uma pesquisa bibliográfica, que teve como objetivo a reflexão, a partir das obras publicadas por musicoterapeutas brasileiros, sobre o trabalho e os enfoques da Musicoterapia com trabalhadores nos mais diversos contextos laborais. Treze trabalhos foram lidos e refletidos sob uma perspectiva fenomenológica - abordando o fenômeno na forma em que ele se apresenta. Observou-se então que as pesquisas são norteadas por três aspectos principais. O primeiro diz respeito à abordagem teórica: Musicoterapia Organizacional, Musicoterapia Institucional e Abordagem Esquizoanalítica. O segundo engloba duas diferentes orientações, a salutogênica e a patogênica. Finalmente, o terceiro refere-se aos objetivos relacionados à saúde: promoção e a produção de saúde, bem como a prevenção de doenças.

Palavras-Chave: Contexto de trabalho, musicoterapia organizacional, musicoterapia institucional, abordagem esquizoanalítica.

MUSIC THERAPY WITH WORKERS: A PHENOMENOLOGICAL VIEW OF BRAZILIAN PUBLICATIONS

ABSTRACT: This article includes a literature review, which aimed the reflection, from the works published by Brazilian music therapists about the work and music therapy approaches with workers in various work contexts. Thirteen papers were read and reflected on a phenomenological perspective - addressing the phenomenon as it presents itself. It was observed that the researches are guided by three main aspects. The first concerns the theoretical approach: Organizational music therapy, music therapy and Institutional schizoanalytic Approach. The second involves two different orientations, the salutogenic and pathogenic. Finally, the third refers to the objectives related to health: health promotion and production, as well as diseases prevention.

Keywords: Context of work, organizational music therapy, institutional music therapy, schizoanalytic approach.

²² Bacharel em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná – FAP – e graduanda em Psicologia da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

²³ Mestre em Mídia e Conhecimento (UFSC), musicoterapeuta, músico, compositor, professor dos cursos de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná, de Publicidade e Propaganda e de Pedagogia da Unibrasil e de cursos de pós-graduação do Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão.

INTRODUÇÃO

Com o intuito de refletir sobre as produções publicadas por musicoterapeutas brasileiros no que diz respeito ao trabalho de Musicoterapia com trabalhadores em diferentes contextos laborais, o presente artigo, teve como questão principal: Como a Musicoterapia com trabalhadores é apresentada na bibliografia publicada por musicoterapeutas brasileiros?

Para isso, realizou-se um levantamento da bibliografia sobre o tema “Musicoterapia e trabalhadores”, utilizando documentos em língua portuguesa, os quais abrangiam livros, anais de encontros, artigos, resumos, revistas, dissertações, monografias, teses, biblioteca on-line, documentos eletrônicos e, inclusive, a base de dados *Scielo*. Foram encontrados treze trabalhos, sendo dez artigos publicados em anais impressos e/ou eletrônicos, duas monografias de conclusão de curso e uma dissertação de mestrado.

É necessário ressaltar que foram encontrados dois trabalhos de conclusão do curso de Musicoterapia das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) no site da biblioteca on-line, mas que não foi possível acessar, uma vez que seus *links* não estavam disponíveis eletronicamente.

A leitura e reflexão dos textos encontrados foram feitas sob uma visão fenomenológica, pelo fato de que esta concepção,

[...] procura abordar o fenômeno, aquilo que se manifesta a si mesmo, de modo que não o parcializa ou o explica a partir de conceitos prévios, de crenças ou de afirmações sobre o mesmo, enfim, de um referencial teórico. Mas, ela tem a intenção de abordá-lo diretamente, interrogando-o, tentando descrevê-lo e procurando captar a sua essência (MARTINS; BICUDO, 1983, p. 10).

Segundo Martins e Bicudo (1983), o pesquisador fenomenólogo dirige-se ao fenômeno da experiência e procura observá-lo da forma que ele se manifesta na própria experiência. "Coloca-se, antes de toda crença e de todo juízo, para explorar simples e puramente o dado que está sendo questionado pelo sujeito" (DARTIGUES *apud* OLIVEIRA; CUNHA, 2010, p. 04). Ainda de acordo com Martins e Bicudo (1983),

a investigação fenomenológica apresenta-se em três momentos: o primeiro refere-se ao olhar atento para o mostrar-se do fenômeno; o segundo refere-se à descrição do fenômeno e o terceiro refere-se ao não se deixar levar pelas crenças sobre a realidade do fenômeno. A partir disso é possível inserir-se nos aspectos essenciais do fenômeno, os quais são distintos de uma simples percepção do fato, segundo Dartigues (2008).

A intuição da essência é a “visão do sentido ideal que atribuímos ao fato materialmente percebido e que nos permite identificá-lo” (DARTIGUES, 2008, p. 20). A essência é o ser da coisa ou da qualidade, dessa maneira, “poderá haver tantas essências quantas significações nosso espírito é capaz de produzir”.

É por meio da experiência sensível que se alcança a essência. Essa reside na consciência, a qual, de acordo com o princípio de intencionalidade, é sempre “consciência de alguma coisa”, ou seja, está dirigida a um objeto. O objeto é definido em sua relação à consciência, tornando-se objeto-para-um-sujeito (DARTIGUES, 2008, p. 22). Dessa forma, através da análise intencional, é possível tomar um objeto, partindo das “coisas mesmas” e observá-lo enquanto objeto percebido, do ato da percepção que é vivência original. “Se o objeto é sempre objeto-para-uma consciência, ele não será jamais objeto em si, mas objeto-percebido ou objeto-pensado, rememorado, imaginado” (DARTIGUES, 2008, p. 23). Segundo o autor, consciência e objeto não são duas entidades separadas, mas se definem a partir de sua correlação.

Por essa razão, a escolha de uma postura fenomenológica acerca das produções publicadas em Musicoterapia, em que o tema fosse Musicoterapia com trabalhadores, atende aos anseios desta produção, que é o de apreciar o caráter, a forma e os conteúdos das produções, sem, contudo, priorizar uma ou outra como mais ou menos relevante.

MUSICOTERAPIA COM TRABALHADORES

O tema Musicoterapia e trabalhadores, de acordo com a pesquisa feita entre o período de maio a julho, foi abordado em 13 diferentes trabalhos, sendo que 10 deles são artigos publicados em Anais, 2 são monografias para conclusão de curso e 1 é uma dissertação de mestrado.

Com estes dados, partindo da reflexão fenomenológica, foi possível observar três abordagens da Musicoterapia nos contextos de trabalho: a Musicoterapia Organizacional, a Musicoterapia Institucional e a Abordagem Esquizoanalítica. Cada uma delas possui peculiaridades nas quais estão inclusas diferentes bases teóricas, orientações e objetivos relacionados à saúde. O aspecto que diz respeito às bases teóricas será abordado neste artigo com maior profundidade por ser o fator mais amplo e que mais se distingue.

A primeira abordagem diz respeito à Musicoterapia Organizacional a qual agrega conhecimentos da Psicologia Organizacional e do Trabalho. De acordo com Rothmann e Cooper (2009), a Psicologia Organizacional e do Trabalho compõe-se de dois ramos. O primeiro corresponde à Psicologia Organizacional, direcionada para o comportamento dos indivíduos, grupos e organizações, a qual se concentra em tópicos como diferenças individuais e diversidade, motivação, comportamento do grupo, comunicação, liderança, qualidade de vida e comportamento problemático e planejamento, desenvolvimento e cultura organizacionais. (ROTHMANN e COOPER (2009, p. 05).

Já o segundo ramo corresponde à Psicologia do Trabalho, também conhecida como Psicologia Industrial, direcionada à gestão de recursos humanos e que se concentra no planejamento de recursos humanos, análise, descrição e especificação de cargos, recrutamento e seleção, indução - treinamento e desenvolvimento, compensação, avaliação do desempenho e desenvolvimento de carreira. (idem, ibidem).

Dentre os treze trabalhos de Musicoterapia selecionados a partir do levantamento bibliográfico, nove deles dizem respeito à Musicoterapia Organizacional. Embora a Musicoterapia seja denominada Musicoterapia Organizacional, ela abrange práticas que envolvem tanto a área organizacional quanto a do trabalho. Rodrigues (2007), Castro, Sá e Teixeira (2009), Almeida, Esperidião e Sá (2006) e Steinberg (2007) relatam trabalhos envolvendo a área organizacional, com temas relacionados ao desenvolvimento de relações interpessoais, motivação interna e comunicação nas organizações. Por outro lado, Estevam e Rodrigues (2009) e Rodrigues (2009), além de relatarem a prática da Musicoterapia na área organizacional, abordam também a

Musicoterapia envolvendo a área do trabalho no processo de recrutamento e seleção. Por motivos práticos, será usado o termo “Musicoterapia Organizacional” e Psicologia Organizacional referindo-se aos dois campos existentes: organizacional e do trabalho.

O campo da Psicologia Organizacional é de interesse de profissionais psicólogos, sociólogos, antropólogos, e também de musicoterapeutas e é, portanto, segundo Schein (1982), uma área interdisciplinar. Os musicoterapeutas através de experiências vividas e experienciadas através da música mantêm ou recuperam o bem-estar dos funcionários no seu ambiente de trabalho, "visando garantir a integração e o desempenho do trabalho em equipe, bem como a valorização dos mesmos na organização" (RODRIGUES, 2009, p. 04).

A Musicoterapia Organizacional está inserida num tipo de prática denominada ecológica, a qual se destina a promover a saúde em vários meios socioculturais da comunidade e/ou ambiente físico, incluindo famílias, comunidades, locais de trabalho ou organizações formais como empresas (BRUSCIA, 2000). Os objetivos estão mais direcionados à interação grupal/social, ou seja,

[...] estão mais focalizados em questões que exercem influência nos movimentos do grupo, com relações interpessoais entre os membros deste, aspectos motivacionais, culturais, de valores e de bem-estar que dizem respeito ao ambiente em que estão inseridos (PRODOSSIMO, 2005, p. 39).

Segundo Bruscia (2000, p. 243), a Musicoterapia Organizacional é "a potencial aplicação da música para apoiar e desenvolver equipes de trabalho e melhorar as relações em ambientes de trabalho e em grupos profissionais". Na Musicoterapia Organizacional os objetivos beneficiam o funcionário e a empresa (STEINBERG, 2006) e abrangem o desenvolvimento das relações intra e interpessoais. A competência interpessoal é um requisito imprescindível a todos os níveis ocupacionais de uma empresa e pode ser observada na relação indivíduo-indivíduo ou indivíduo-grupo(s) (FERREIRA; IMAI; RODRIGUES, 2001).

A competência interpessoal é a habilidade de lidar eficazmente com as relações interpessoais, de lidar com outras pessoas de forma adequada às necessidades de cada uma e às exigências da situação (MOSCOVICI, 1985, p.27).

Rodrigues (2007) relata um trabalho, fundamentado na Abordagem Gestáltica¹, que tinha como principal objetivo investigar como a Musicoterapia pode auxiliar no desenvolvimento das relações interpessoais entre os funcionários de uma empresa. De acordo com os resultados, os funcionários "que participaram dos encontros musicoterapêuticos relataram que a Musicoterapia modificou seus relacionamentos dentro da empresa em 93,2%" (RODRIGUES, 2007, p. 11). Os principais aspectos mencionados foram o maior relacionamento entre os profissionais dos outros departamentos, a maior liberdade de expressão, a melhor comunicação, o entendimento das dificuldades do outro e a convivência com o grupo.

Castro, Sá e Teixeira (2009) também relatam um projeto de pesquisa – ainda em andamento – que tem como objetivo principal observar como a Musicoterapia pode contribuir no desenvolvimento das relações intra e interpessoais de uma equipe de vendas, visando maior qualidade de vida no trabalho. Os autores afirmam que, atualmente, a área de vendas exige cada vez mais que os profissionais tenham boa comunicação, adaptabilidade e que sejam eficientes em suas relações interpessoais. Nesta perspectiva, a Musicoterapia se insere como um grande potencial para o desenvolvimento das relações humanas.

A competência interpessoal envolve atitudes individuais e coletivas as quais são indissociáveis. É por este motivo que as organizações são vistas como sistemas sociais complexos nas quais "todas as questões que se possam levantar com referência aos fatores do comportamento humano individual dentro das organizações têm de ser focalizadas de acordo com a perspectiva do sistema social em sua totalidade" (SCHEIN, 1982, p. 05).

A convivência no trabalho reflete as atitudes individuais que estão diretamente implicadas nas atitudes coletivas. Essas atitudes, geralmente, estão relacionadas ao manejo de situações de conflito. Segundo Steinberg (2007), os profissionais que encontram dificuldades para lidar com questões inerentes a qualquer pessoa, como mau humor, irritabilidade, inseguranças, medos de aceitação, são impedidos de tomar qualquer atitude criativa para solucionar o problema. O resultado dessa "inabilidade" em se comunicar de forma produtiva provoca desmotivação, baixa produtividade,

estresse e falta de satisfação. Essa autora, em seu artigo sobre a musicalidade nas relações de trabalho, compara uma organização e seus departamentos com uma grande orquestra em que todos os subgrupos/departamentos, ou seja, cada família de naipes de instrumentos da orquestra se complementa para formar um grupo maior – a orquestra – que busca afinação e harmonia. "Podemos dizer que cada grupo constitui uma dinâmica própria, um ritmo, uma musicalidade que ora trabalha mais afinada e ora desafina" (STEINBERG, 2007, p. 70).

Geralmente, o indivíduo está desafinado com a sua própria função e pessoa, não interagindo com o grupo e desentendo dele. Segundo Steinberg (2007), através da Musicoterapia, são trabalhados movimentos, ritmos e vozes as quais contemplam códigos de comunicação, arte, invenção, interação e saúde nos grupos de trabalho, possibilitando que sejam,

[...] desbloqueados grande parte dos conflitos e assim passa a fluir a proximidade entre os colaboradores, supervisores, gestores, ampliando as formas de perceber e estar no grupo, resolvendo conflitos, possibilitando mais elementos para a reflexão do papel e do lugar de cada um na organização (STEINBERG, 2007, p. 71).

É importante ressaltar que a 'desafinação' com o grupo é o grande causador do adoecimento, tanto físico quanto mental, do indivíduo. Um exemplo disso é o "estresse", sobre o qual muito se tem falado atualmente. Essa palavra é conhecida por muitos de nós para definir determinadas situações que ocasionam um desequilíbrio no indivíduo. No entanto, o que seria exatamente o estresse?

Segundo Dolan (2006, p. 27), o estresse é uma "reação inespecífica a todas as exigências feitas". Pode ser visto como um estímulo que age sobre o indivíduo e o induz a uma reação tensa; uma reação fisiológica ou psicológica ou uma consequência da interação entre estímulos ambientais e reações do indivíduo. Os primeiros estudos sobre estresse tentavam descobrir uma origem comum, porém, hoje, admiti-se que o estresse tem sua origem em uma série de fatores que agem juntos, ou seja, um conjunto de estímulos multifatoriais.

Mais especificamente, o estresse em ambientes de trabalho é denominado estresse ocupacional. Esse, segundo Dolan (2006, p. 29), é definido como um "processo em que a pessoa percebe e interpreta seu ambiente de trabalho em relação à sua capacidade de tolerá-lo".

O estresse ocupacional é ocasionado por estressores advindos do ambiente de trabalho, os quais podem abranger sobrecarga nas jornadas de trabalho, ruídos, conflito e ambiguidade de funções, discrepância nos objetivos profissionais, pressões do grupo, estrutura hierárquica, riscos à saúde do trabalhador, inter-relacionamento com superiores, colegas e subordinados, ausência de infra-estrutura, insegurança em relação ao emprego, dentre outros fatores (BOTH, s/d).

Assim, são feitas algumas intervenções nos ambientes de trabalho com o intuito de prevenir ou reduzir o estresse dos trabalhadores, como avaliação sistemática dos níveis de estresse, rodízio de funções, melhoria nas condições físicas do trabalho, investimento pessoal e profissional dos funcionários (SANTOS, s/d), atividades de lazer, esporte e cultura, ginástica laboral, palestras e campanhas sobre fumo, bebidas, doenças originárias do trabalho, postura corporal, hábitos alimentares e exames médicos.

Caixeta, Pontes e Zanini (2006) relatam um trabalho realizado com policiais militares afastados de suas atividades e a disposição da junta médica da instituição cujo objetivo era o de verificar a intervenção musicoterapêutica no tratamento da ansiedade e estresse ocupacional. O processo musicoterapêutico apresentou resultados positivos, na tentativa de minimizar os efeitos da ansiedade e do estresse ocupacional.

No decorrer das sessões de atendimento pode-se observar o desenvolvimento dos pacientes quanto ao enfrentamento do problema que cada um apresentava, inclusive sua compreensão dos entraves da dinâmica do serviço militar. O trabalho em grupo possibilitou que os pacientes se identificassem com outros componentes do grupo, percebendo, portanto, que não estavam sozinhos em seu "sofrimento", o que ampliou ainda mais sua capacidade de enfrentamento (CAIXETA; PONTES; ZANINI, 2006, p. 04).

Nesse aspecto, a Musicoterapia se insere como uma prática focada em melhorias no ambiente de trabalho, na prevenção de doenças ocupacionais, como o estresse, e na promoção de saúde. "Mesmo a Musicoterapia Organizacional sendo um campo ainda em desenvolvimento, podemos identificar [...] sua aplicabilidade altamente positiva [...] como um meio para liberar pulsões, ajudar na diminuição do estresse [...]" (RODRIGUES, 2007 p. 10).

Macedo (2008) descreve a utilização da Musicoterapia na redução do estresse e na prevenção de doenças psicossomáticas. Ela afirma que o ato de cantar possui possibilidades terapêuticas uma vez que ajuda a regular a respiração, auxilia na mudança de estado de humor e equilibra os processos metabólicos prejudicados pelo estresse.

Uma das saídas que uma organização pode ter para promover a saúde no local de trabalho e possibilitar a redução e prevenção do estresse ocupacional é o investimento em Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) que resulta num maior envolvimento e satisfação, além de menos estresse e exaustão (DOLAN, 2006). A QVT é entendida como,

[...] um conjunto das ações de uma empresa que envolve diagnóstico e implantação de melhorias e inovações gerenciais, tecnológicas e estruturais dentro e fora do ambiente de trabalho, visando propiciar condições plenas de desenvolvimento humano para e durante a realização do trabalho (ALBURQUERQUE; FRANÇA, 2003, p. 02).

Portanto, pensar em QVT é aliar a prevenção e a promoção de saúde do indivíduo. "É de suma importância a relação com os parceiros e/ou da equipe [...] numa gestão integrada de promoção de saúde, programas preventivos, qualidade de vida no trabalho e desenvolvimento humano" (STEINBERG, 2006, p. 02). Segundo a Organização Mundial da Saúde *apud* Dolan (2006, p. 10), a promoção de saúde,

[...] consiste em todas as medidas que permitem a indivíduos, grupos e instituições exercerem maior controle sobre os fatores que afetam a saúde. O objetivo dessas medidas é melhorar a saúde de indivíduos, grupos, instituições e comunidades (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE *apud* DOLAN, 2006, p. 10)

A saúde da organização interfere na saúde individual dos profissionais. Assim, garantir a qualidade de vida pessoal é também garantir a qualidade de vida no trabalho e a qualidade da saúde organizacional, produzindo resultados satisfatórios, tais como maior engajamento no trabalho, maior produtividade, sucesso e satisfação (PRODOSSIMO, 2005, p. 36).

Nesse contexto de qualidade de vida é possível pensar, ainda, o tema motivação, os quais estão intrinsecamente ligados, pois não é possível pensar em motivação sem pensar em qualidade de vida (ALMEIDA; ESPERIDIÃO; SÁ, 2006). De acordo com Castro *apud* Almeida, Esperidião e Sá (2006, p. 02), a motivação depende de fatores externos e internos. Este se caracteriza pela força que move o indivíduo em direção aos seus objetivos, e aquele se caracteriza pelo conjunto de valores, missão e visão de determinado ambiente que permite relações interpessoais adequadas, feitas dentro de um clima que leva à plena realização dos seres humanos que atuam nesse ambiente.

Com o objetivo de verificar como a Musicoterapia pode atuar como facilitadora da motivação interna de funcionários de uma organização foi realizada uma pesquisa, baseada na Abordagem Gestáltica, a qual revelou a importância em lidar com questões motivacionais "uma vez que a disposição e a felicidade das pessoas refletem-se na sua vida cotidiana, sobretudo no trabalho, ambiente no qual elas passam a maior parte do tempo" (ALMEIDA; ESPERIDIÃO; SÁ, 2006, p. 04). Constatou-se também que o *setting* musicoterapêutico, ou seja, o local onde são realizados os atendimentos musicoterapêuticos,

[...] além de ser um espaço favorável para o desenvolvimento da criatividade, espontaneidade, expressão/comunicação e auto-conhecimento, proporciona a melhoria das relações interpessoais, sendo todos estes fatores essenciais à motivação interna (ALMEIDA; SÁ; ESPERIDIÃO, 2006, p. 01).

Além do que já foi exposto sobre a Musicoterapia no contexto organizacional, foi encontrado na literatura trabalhos da Musicoterapia no desenvolvimento de equipes de trabalho, no processo de seleção de pessoal e uma proposta de trabalho terapêutico

diferenciado do enfoque organizacional. O primeiro agrega também metodologia teórico-vivencial – Educação de Laboratório de Argyris. Segundo Moscovici *apud* Rodrigues (2009, p. 05), "a educação de laboratório é um termo aplicado a um conjunto metodológico visando mudanças pessoais a partir de aprendizagens baseadas em experiências diretas ou vivências". O foco está no desenvolvimento das pessoas visando mudança de valores, comportamento e no exercício de liderança compartilhada (RODRIGUES, 2009).

No desenvolvimento de equipes de Trabalho, os resultados se dão a curto e longo prazo. Em curto prazo, proporcionam interação dos participantes e oportunidade de expressar desejos profissionais e pessoais. Já em longo prazo, proporcionam a reflexão pessoal em busca do desenvolvimento da equipe.

No que diz respeito ao Processo de Seleção de Pessoal, são usadas algumas ferramentas eficazes, tais como a Dinâmica de Grupo, que pode ser caracterizada como uma situação/momento vivencial de integração grupal, estimulada por técnicas específicas, que minimiza o estresse e o nervosismo presentes num processo de seleção (ORLICKAS *apud* RODRIGUES, 2009). Nesse aspecto, a Musicoterapia se insere como uma forma de contribuir para melhorar a qualidade do processo de seleção, com o intuito de oferecer ao candidato um ambiente no qual ele se sinta à vontade consigo mesmo e com as outras pessoas, expondo realmente quem ele é (RODRIGUES, 2009).

Prodossimo (2005) propõe um trabalho terapêutico voltado para cada indivíduo, diferenciando-o do enfoque organizacional. A proposta abrange uma possibilidade extra aos funcionários, na qual os objetivos principais são delineados a partir das necessidades de cada um. O foco não está nas questões relacionadas ao trabalho, ainda que não excluídas das discussões no decorrer da terapia. Os encontros musicoterapêuticos favoreceriam o autoconhecimento, levando a motivação profissional ou, até mesmo, a busca por mudanças. Assim, o rendimento profissional dessas pessoas tenderia a aumentar, contribuindo para o aumento da produtividade da empresa.

Ao oferecer bem-estar aos seus funcionários, a empresa poderá favorecer um clima organizacional agradável, em que as pessoas [...] poderão lidar com seus

problemas de maneira mais objetiva [...]. Este tipo de trabalho também pode influenciar, mesmo indiretamente, a cultura organizacional: [...] integrar-se mais à organização [...] ou se mobilizar a encontrar um ambiente que se aproxime mais de seus objetivos pessoais, o que também acabará por contribuir para a organização (PRODOSSIMO, 2005, p. 50).

Paralelamente à Musicoterapia Organizacional temos a segunda abordagem que diz respeito à Musicoterapia Institucional. Foram encontrados três trabalhos referentes a esse assunto: Guazina (2006), Gonzalez (2008) e Guazina e Tittoni (2009).

A Musicoterapia Institucional agrega conhecimentos da Psicologia Institucional, a qual, segundo Guirado (1986), se estabelece a partir de diferentes orientações teóricas. Alguns autores, como Lourau, Lapassade, Lobrot, Mendel, Cooper, Foucault e Castel, contribuíram para o estudo e para o trabalho na perspectiva institucional. A Psicologia Institucional, de acordo com Bleger *apud* Guirado (1986, p. 06), é “uma forma de intervenção psicológica com significação social”. Segundo este autor, a tarefa do psicólogo institucional é “atuar sobre a totalidade da instituição, tendo em vista as relações entre os grupos do organograma da instituição, e fazê-lo a partir do enquadre, que define uma postura de independência técnica e que permite a dissociação instrumental” (BLEGER *apud* GUIRADO, 1986, p. 21).

A Musicoterapia Institucional é definida, segundo Guazina (2006), como a busca de deslocamentos das cristalizações dos lugares e dos reconhecimentos de si através de intervenções musicoterapêuticas nas relações de poder e, também, através da busca de novas práticas de liberdade e transgressão frente às relações de dominação consideradas causadoras do adoecimento e sofrimento do indivíduo. Essa concepção tem como base a teoria foucaultiana sobre práticas musicais,

[...] compreendemos as práticas musicais como uma produção social e histórica que carrega marcas espaço-temporais, e que podem ser um contexto, território ou produto sonoro operado, situado e validado a partir de certas discursividades que definem suas características estéticas. Essas discursividades possibilitam que diferentes jogos de verdade operem na vida cotidiana, para a produção de diferentes efeitos de poder [...] que podem produzir criação, libertação, mas também normatização, delimitação [...]. As relações de poder e seus efeitos são fluxos de força nos modos de subjetivação, e as práticas musicais integram-se nesses fluxos, também existindo em exercício. Da mesma forma, as práticas e saberes musicais estão ligados às maneiras pelas quais os sujeitos se

relacionam consigo, se reconhecem como objeto de um saber possível e reforçam, transgridem ou modificam as práticas divisórias. Portanto, participam ativamente de como, em nossas sociedades, o sujeito se torna e se reconhece como sujeito (GUAZINA; TITTONI, 2009, p. 110).

A Musicoterapia Institucional, definida por Guazina (2006), também agrega os conceitos sobre subjetividade, produção de saúde e conhecimentos relacionados à Saúde do Trabalhador. Pensar a subjetividade e o trabalho, segundo Nardi, Tittoni e Bernardes *apud* Guazina e Tittoni (2009, p. 109), "implica pensar como os modos de trabalhar e as experiências no trabalho conformam modos de agir, pensar, sentir e trabalhar amarrados em dados momentos [...] que evocam a conexão entre diferentes elementos, valores, necessidades e projetos".

Nessa perspectiva, a produção de saúde "pode ser construída a partir do reconhecimento das experiências dos trabalhadores como conhecedores do seu trabalho e como sujeitos capazes de produzir novas alternativas de vida frente às situações potencialmente nocivas de trabalho" (GUAZINA; TITTONI, 2009, p. 109). Há uma contraposição da concepção de saúde como dicotômica – saúde e doença – analisando-a sob a "perspectiva da saúde como possibilidade de produção e invenção da vida e dos modos de existir" (GUAZINA, 2006, 41).

De acordo com o Ministério da Saúde do Brasil (2001), a assistência ao trabalhador tem sido desenvolvida em diferentes espaços institucionais, com objetivos e práticas distintas. A atenção à saúde do trabalhador compreende uma equipe multiprofissional com um enfoque interdisciplinar. Na década de 80, passou a ser instituído na rede pública de serviços de saúde um novo modelo de atenção à saúde do trabalhador, como parte do movimento da Saúde do Trabalhador.

A Saúde do Trabalhador é um campo de conhecimento que envolve diferentes disciplinas e que propõe intervenções nos locais de trabalho, orientadas para a vigilância e a transformação das condições e contextos de trabalho considerados nocivos à saúde dos trabalhadores (NARDI *apud* GUAZINA, 2006, p. 24).

A Musicoterapia Institucional é uma ferramenta importante para as intervenções em "Saúde do Trabalhador". Embora a produção intelectual dos Musicoterapeutas

brasileiros seja ampla, a produção e a publicação no campo da Saúde do Trabalhador ainda são limitadas: o campo de práticas é mais amplo que o campo teórico (GUAZINA, 2006).

A partir da dissertação de mestrado de Guazina (2006) e do artigo originado dessa dissertação (GUAZINA; TITTONI, 2009), é apresentado um trabalho de Musicoterapia como estratégia de produção de saúde do trabalhador, num estudo desenvolvido junto a profissionais técnicas de enfermagem de uma Unidade de Terapia Intensiva infantil de um hospital público da cidade de Porto Alegre. As autoras discutem o hospital como um território de produção de subjetividades, a partir do conceito de "Panáudio²" e propõe a produção de novas subjetividades a partir do uso de práticas musicais na abordagem da Musicoterapia Institucional.

A partir das intervenções musicoterapêuticas, a música pode servir,

[...] como estratégia coletiva de intervenção e desindividualização nos contextos de trabalho – intervenções desestabilizadoras do Panáudio [...]. Dessa forma, pode desestabilizar os modos de subjetivação em direção à potencialização das práticas de liberdade – aos potenciais de criação, de vida e de sublevação da música enquanto agente produtor de tempos de viver, sentir, pensar, agir e deslocar. (GUAZINA; TITTONI, 2009, p. 114).

Cabe ressaltar também que Guazina (2006) avalia os trabalhos associados ao viés de Musicoterapia Organizacional afirmando que eles não possuem "um posicionamento crítico aparente sobre as implicações para o trabalhador, sobre quais perspectivas de trabalho e saúde se assentam e, portanto, sobre quais efeitos são produzidos pelas práticas em Musicoterapia" (GUAZINA, 2006, p. 18). A autora alega que a Musicoterapia serviria apenas para produzir bem-estar e deixar o trabalhador em plenas condições para ser "espremido" pelo trabalho: "[...] funcionava mais para a 'saúde' da empresa do que para a Saúde do Trabalhador" (GUAZINA, 2006, p. 19).

Gonzalez (2008) também relata um trabalho realizado com trabalhadoras administrativas de um Colégio Estadual de Curitiba, na óptica da Musicoterapia Institucional. A autora propõe pensar a Musicoterapia como ferramenta para a produção de saúde do trabalhador,

[...] consideramos o aspecto saudável do indivíduo e não somente a doença manifestada. [...] a Musicoterapia pode ampliar o lado saudável das trabalhadoras administrativas valorizando-o e incrementado, repercutindo assim, no contexto escolar e social em que estão inseridas (GONZALEZ, 2008, p. 11).

Segundo a autora, ao longo do processo musicoterapêutico, resultados positivos foram observados: “[...] as trabalhadoras foram progressivamente aumentando o exercício da sua autonomia, partindo de uma autoavaliação em que ficou clara a necessidade de trabalhar as relações interpessoais para conseguir criar um grupo mais unido e solidário” (GONZALEZ, 2008, p. 40). Além disso, observaram-se movimentações em busca de melhores condições de trabalho, seja no trabalho interno da secretaria seja no colégio como instituição.

Esse processo se evidenciou na medida em que as trabalhadoras começaram a escolher as próprias músicas para serem cantadas ao mesmo tempo em que aumentou a tomada de decisões, por exemplo, reivindicando um dos seus direitos como trabalhadoras da educação, para ter um dia na semana para realizar a própria atualização de conhecimentos (GONZALEZ, 2008, p. 40).

Gonzalez (2008) também relata mudanças na alteração de humor, evidenciadas ao “dar mais bons dias”, sendo reconhecidas como mudanças no nível institucional. “Dessa forma podemos inferir que se produziram intervenções micropolíticas, na medida em que mudanças na secretaria começaram a passar a outros setores da instituição” (GONZALEZ, 2008, p. 41). As intervenções, num âmbito micropolítico,

[...] procuram dar visibilidade aos modos solidários e autônomos de enfrentamentos das situações de sofrimento e vulnerabilidade, no sentido de forjar um jeito de cuidado que se comprometa com a integralidade (TREVIZANI, s/d, p. 04).

Além das duas abordagens já apresentadas, há ainda uma terceira abordagem a qual diz respeito à Musicoterapia e a Abordagem Esquizoanalítica. Foi encontrado somente um trabalho nesse eixo teórico: o artigo de Millecco (2001), o qual relata um projeto que “aponta para a necessidade de um trabalho comprometido com a Arte, com

o desenvolvimento do pensamento estético-sensível” (MILLECCO, 2001, p. 95). O formato inicial do projeto visava,

[...] capacitar profissionais tendo a Arte como eixo para a alfabetização dos sentidos para que possam desenvolver, junto às crianças e adolescentes, um trabalho que instrumentalize para uma nova leitura de mundo, para a construção de uma nova história pessoal que se cumpre na relação e responsabilidade social (MILLECCO, 2001, p. 95).

Segundo o autor, o objetivo principal foi “desenvolver um trabalho clínico de musicoterapia junto a equipes multiprofissionais, avaliando suas características e potenciais, visando à capacitação das equipes para a melhoria do atendimento às crianças abrigadas nessas instituições” (MILLECCO, 2001, p. 97).

Na Abordagem Esquizoanalítica, de Deleuze e Guattari, “a possibilidade de desenvolvimento de modos de subjetivação singulares, de automodelações que se afirmam independentes da ordem capitalista, rompe com a tentativa de homogeneização que a massificação pressupõe” (MILLECCO, 2001, p. 96). Através dessa ruptura, o autor afirma que os grupos podem adquirir “liberdade de viver seus processos, [...] a capacidade de ler sua própria situação e aquilo que se passa em torno deles” (MILLECCO, 2001, p. 96). A partir disso, o indivíduo recusa-se às manipulações e telecomandos, e aliado a isso, “são construídos novos modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular” (MILLECCO, 2001, p. 96).

Millecco afirma que o trabalho propunha a “passagem de identidades massificadas e marginais, para o fortalecimento de forças construtivas de novos Territórios Existenciais, possibilitando assim, a emergência de Territórios Singulares”. (MILLECCO, 2001, p. 96). Segundo o autor, o processo vivenciado pelos grupos de Musicoterapia permitiu a construção de “territórios” de confiança, onde surgiu, além de canções e questões pessoais, espaço para críticas institucionais e busca de alternativas e sugestões. Além disso, “a música aparece, nos depoimentos colhidos em cada unidade trabalhada, com fator de integração, dando acesso à intimidade, sendo

assim reveladora de mundos que permaneceriam desconhecidos se a comunicação se desse de maneira tradicional” (MILLECCO, 2001, p. 98).

A heterogeneidade de cada grupo possibilitou aquisições em diferentes níveis, e fortaleceu os elos entre as pessoas que puderam participar, enriquecendo, assim, a qualidade do trabalho social que elas desenvolvem. Pudemos observar algumas transformações que, vistas pela ótica esquizoanalítica, envolvem aspectos subjetivos e objetivos, estabelecem rupturas de sentido, e possibilitam a construção de novos territórios existenciais. Outro ponto significativo que devemos sublinhar foi o processo de composição musical desenvolvido em cada grupo, reveladores de aspectos da identidade sonoro-cultural e de suas características predominantes (MILLECCO, 2001, p. 99).

Diante do que foi exposto, nota-se, portanto, que os fenômenos observados se sustentavam em três abordagens, detalhadamente explicitadas, que possuem semelhanças e diferenças essenciais para a sua compreensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Fenomenologia procura abordar o fenômeno - que se manifesta em si - de uma maneira direta, tentando descrevê-lo e captando sua essência. Para se chegar ela, é preciso observar o fenômeno enquanto objeto percebido, partindo das “coisas mesmas”. Nesse artigo, os treze textos encontrados sobre Musicoterapia com trabalhadores foram os fenômenos “observados”. A partir de uma leitura fenomenológica dos textos foi possível observar três aspectos, ou melhor, três essências que os diferem e os tornam semelhantes em alguns pontos.

O primeiro aspecto, e o mais amplo, diz respeito às abordagens teóricas sobre a Musicoterapia com trabalhadores, nas quais se destacam três: Musicoterapia Organizacional, Musicoterapia Institucional e Abordagem Esquizoanalítica. Na Musicoterapia Organizacional foi possível observar o trabalho dos musicoterapeutas no desenvolvimento das relações interpessoais e intrapessoais, qualidade de vida, motivação interna, comunicação, recuperação do bem-estar do funcionário, integração, desempenho no trabalho em equipe, ansiedade, estresse ocupacional, prevenção de doenças psicossomáticas e no processo de seleção e recrutamento. Na Musicoterapia

Institucional foi possível observar o trabalho dos musicoterapeutas na busca pela descrystalização dos lugares através de intervenções nas relações de poder, intervenções micropolíticas, na busca por novas práticas de liberdade, autonomia e ampliação do lado saudável do trabalhador. Já na Abordagem Esquizoanalítica foi possível observar o trabalho do autor no desenvolvimento de modos de subjetivação, sensibilidade, relação com o outro, produção e criatividade.

O segundo aspecto observado diz respeito a duas diferentes orientações: salutogênica e patogênica. Na orientação salutogênica, a saúde do indivíduo é vista ao longo de um continuum, é um estado de heterostase, ou seja, “a saúde existe na presença (e apesar) das constantes ameaças ou fatores estressantes” (BRUSCIA, 2000, p. 88). De acordo com Bruscia (2000), na orientação salutogênica há um processo de constante construção de recursos contra as ameaças à saúde. Já na orientação patogênica, a saúde é um estado dicotômico: ou estamos saudáveis ou estamos sem saúde, “um estado de bem-estar ou homeostase que tentamos continuamente manter, mas que é constantemente rompido por enfermidades, doenças, lesões e assim por diante” (BRUSCIA, 2000, p. 85).

O terceiro aspecto observado diz respeito aos objetivos relacionados à saúde. Na Musicoterapia Organizacional o foco se destina à promoção de saúde e também à prevenção de doenças.

O termo promoção de saúde, num amplo conceito, traz um novo olhar ao trabalho direcionado à saúde através da visão salutogênica, que considera a saúde como um processo contínuo de construção de meios e recursos de fortalecimento para que a pessoa combata e resista às constantes ameaças à saúde (TARRIDE *apud* PIMENTEL, 2003, p. 11).

Dessa maneira, a Musicoterapia Organizacional segue a orientação salutogênica, uma vez que se destina a “um processo constante de manejar o insalubre” (BRUSCIA, 2000, p. 88). Entretanto, a prevenção de doenças, segundo Bruscia (2000), pertence à orientação patogênica. É importante ressaltar que no trabalho de Musicoterapia na prevenção de doenças ocupacionais, como o estresse ou a depressão, a ênfase está na saúde, ou seja, “atenção e recursos para manter as

peças saudáveis, para prevenir que as pessoas fiquem doentes” (ANTONOVSKY *apud* BRUSCIA, 2000, p. 87). Se o foco estivesse na doença, o trabalho buscaria “prevenir a morte e a cronificação e recuperar a saúde quando possível” (ANTONOVSKY *apud* BRUSCIA, 2000, p. 87).

Por outro lado, a Musicoterapia Institucional e a Abordagem Esquizoanalítica têm como foco a produção de saúde, ou seja, os sujeitos são “capazes de produzir novas alternativas de vida frente às situações potencialmente nocivas de trabalho” (GUAZINA; TITTONI, 2009, p. 109). Nessa perspectiva, a saúde é uma “possibilidade de produção e invenção da vida e dos modos de existir” (GUAZINA, 2006, 41). Além disso, a Musicoterapia Institucional e a Abordagem Esquizoanalítica também estão sob uma orientação salutogênica, uma vez que “a saúde não depende da ausência da doença, mas da construção de recursos próprios, na qual, o indivíduo desenvolve meios de se proteger, combater e enfrentar tais ameaças de saúde” (PIMENTEL, 2003, p. 06).

CONCLUSÃO

A partir da reflexão sobre os trabalhos encontrados na literatura sobre Musicoterapia com trabalhadores, é possível observar três aspectos, já mencionados anteriormente, e delimitá-los da seguinte forma:

	MT Organizacional	MT Institucional	Abordagem Esquizoanalítica
Orientação	Salutogênica e Patogênica	Salutogênica	Salutogênica
Objetivos relacionados à saúde	Promoção de Saúde e Prevenção	Produção de Saúde	Produção de Saúde

Tabela 1 – Aspectos observados nos textos.

Nota-se que, apesar de existirem publicações e práticas da Musicoterapia com trabalhadores, ainda se faz necessário maiores estudos e pesquisas acerca do

assunto. Pensar o trabalho da Musicoterapia com trabalhadores a partir de três orientações teóricas talvez seja muito pouco em vista de tantas outras bases teóricas existentes, por exemplo, do campo da Psicologia, e que podem servir de base para o trabalho nessa área.

Ressalta-se também que o trabalho de Musicoterapia com trabalhadores é uma área em constante crescimento. O estudo nessa área demanda conhecimento e dedicação acerca das questões que envolvem o trabalho e o sujeito imbricado nessa prática. É necessário que as instituições e empresas abram espaço para que o profissional musicoterapeuta atue em benefício da empresa, da instituição, do trabalhador e das relações intrínsecas nesse contexto.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, L. G.; FRANÇA, A. C. L.. *Estratégia de Recursos Humanos e Gestão de Qualidade de Vida no Trabalho: O stress e a expansão do conceito de qualidade total*. São Paulo: Curso avançado de Gestão empresarial em qualidade de vida: FEA/USP, 2003.

ALMEIDA, L. A. de J.; ESPERIDIÃO, E.; SÁ, L. C. de. A Musicoterapia em um contexto organizacional como facilitadora de motivação interna. In: *ANAIS DO XII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE MUSICOTERAPIA, VI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA E II ENCONTRO NACIONAL DE DOCÊNCIA EM MUSICOTERAPIA*, 2006. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <http://www.sgmt.com.br/anais/p02pesquisaresumoexpandidooral/RECO05-Almeida&Craveiro&Esperidiao_Anaís_XIISBMT.pdf> Acesso em 28 abril 2010.

BRUSCIA, K. E. *Definindo Musicoterapia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 312 p. 2000.

BOTH, T. *Estresse ocupacional*. s/d. Disponível em: <www.segurancaetrabalho.com.br/download/estresse-tatiana.ppt> Acesso em: 05 jul. 2010.

CAMPOS, M. P. de A.; OKUMA, S. S.. *Efeitos de uma intervenção de Massoterapia no ambiente de trabalho*. Livro de Memórias do V Congresso Científico Norte-Nordeste - CONAFF, Fortaleza, 2008. Disponível em:

<http://www.sanny.com.br/pdf_eventos_conaff3/Resumo08.pdf> Acesso em: 12 maio 2010.

CASTRO, A. A. G. de.; SÁ, L. C. de.; TEIXEIRA, C. M. F. da S. Contribuições da Musicoterapia no desenvolvimento da Relações Intra e Interpessoais dos profissionais de uma Equipe de Vendas. In: *XIII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE MUSICOTERAPIA, XI FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA E IX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA*, 2009. Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, XI Fórum Paranaense de Musicoterapia e IX Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, Curitiba: AMT-PR, p. 77-83, 2009.

CAIXETA, C. M. M. P.; PONTES, S. F. de.; ZANINI, C. R. de O. A Intervenção Musicoterapêutica na Polícia Militar: uma ação buscando o tratamento da Ansiedade e Stress Ocupacional. In: *ANAIS DO XII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE MUSICOTERAPIA, VI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA, II ENCONTRO NACIONAL DE DOCÊNCIA EM MUSICOTERAPIA*, 2006. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <http://www.sgmt.com.br/anais/p02pesquisaresumoexpandidooral/RECO09-Pontes&Zanini&Caixeta_Anais_XIISBMT.pdf> Acesso em: 12 jul. 2010.

DARTIGUES, A. *O que é fenomenologia?*. Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 10. ed. São Paulo: Centauro, 152 p. 2008.

DOLAN, S. L. *Estresse, auto-estima, saúde e trabalho*. Tradução J. Simões; supervisão técnica Edson Ferreira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 285 p. 2006.

ESTEVAM, S. N. A.; RODRIGUES, C. O. C. Musicoterapia e Recursos Humanos: a interdisciplinaridade a favor do indivíduo. In: *XIII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE MUSICOTERAPIA, XI FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA E IX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA*, 2009. Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, XI Fórum Paranaense de Musicoterapia e IX Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, Curitiba: AMT-PR, p. 431-436, 2009.

FERREIRA, W. de F.; IMAI, R. Y.; RODRIGUES, R. R. J. *Um espaço para o desenvolvimento interpessoal no trabalho*. Psicologia em Estudo, v. 06, n. 02, p. 123-127, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v6n2/v6n2a17.pdf>>. Acesso em 05 jul. 2010.

GONZALEZ, P. A. M. *Musicoterapia na saúde de trabalhadoras administrativas no contexto escolar*. 47 f., 2008. Trabalho de Conclusão do Curso de Musicoterapia, Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, 2008.

GUAZINA, L. *Sons, Silenciamentos, Poder e Subjetivação no Hospital: a Musicoterapia na saúde do trabalhador*. 159 f. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

GUAZINA, L.; TITTONI, J. *Musicoterapia Institucional na Saúde do Trabalhador: conexões, interfaces e produções*. *Psicologia & Sociedade*; 21, n. 01, p. 108-117, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n1/13.pdf>> Acesso em 28 abr. 2010.

GUIRADO, M. *Psicologia Institucional*. São Paulo: EPU, 87 p., 1986.

LACAZ, F. A. de C.. *Qualidade de vida no trabalho e saúde/doença*. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 05, n. 01, p. 151-161, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7086.pdf>> Acesso em: 12 maio 2010.

MACEDO, S. de S.. *A Musicoterapia na Redução do Estresse e Prevenção de Doenças Psicossomáticas*. 2008. Disponível em: <<http://musicoterapia-saopaulo.blogspot.com/2008/04/musicoterapia-na-reduo-do-estresse-e.html>> Acesso em: 12 maio 2010.

MARTINS, L. M. (Org.). *Introdução aos fundamentos epistemológicos da Psicologia Sócio-Histórica*. In: MARTINS, L. M.. *Sociedade, educação e subjetividade: reflexões temáticas à luz da Psicologia Sócio-Histórica*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008, p. 33-60.

MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo: Moraes, 80 p., 1983.

MILLECCO, R. *Aplicação de técnicas musicoterapêuticas na capacitação de equipes multiprofissionais*. In: *III FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA, ENCONTRO PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA E II ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA*, 2001. Anais do III Fórum Paranaense de Musicoterapia, Encontro Paranaense de Musicoterapia e II Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, Curitiba: AMT-PR, p. 95-101, 2001.

Ministério da Saúde do Brasil. *Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde*. Organização Pan-Americana da Saúde no

Brasil; organizado por Elizabeth Costa Dias ; colaboradores Idelberto Muniz Almeida et al. – Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001.

MOSCOVICI, F. *Desenvolvimento interpessoal: leituras e exercícios de treinamento em grupo*. 3. ed., Rio de Janeiro: LTC, 217 p., 1985.

OLIVEIRA, G. S. de; CUNHA, A. M. de O. *Breves considerações a respeito da Fenomenologia e do Método Fenomenológico*. Disponível em: <<http://www.fucamp.com.br/nova/revista/revista0709.pdf>> Acesso em 29 jun 2010.

PIETROBOM, A. *Musicoterapia aplicada no tratamento e prevenção do estresse*. 52 f., 2002. Trabalho de Conclusão do Curso de Musicoterapia, Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, 2002.

PIMENTEL, A. de F.. *Musicoterapia e Promoção de Saúde*. 29 f., 2003, Trabalho de Conclusão do Curso de Musicoterapia, Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.fw2.com.br/clientes/artesdecura/revista/musicoterapia/Monografia_grd_Adriana_P.pdf> Acesso em: 14 out. 2010.

PRODOSSIMO, C. das C. *Musicoterapia em ambientes de trabalho*. 59 f., 2005, Trabalho de Conclusão do Curso de Musicoterapia, Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, 2005.

ROTHMANN, I; COOPER, C. *Fundamentos de Psicologia Organizacional e do Trabalho*. Trad. Luiz Claudio de Queiroz. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 333 p., 2009.

RODRIGUES, C. O. C. *A Musicoterapia no desenvolvimento das relações interpessoais em uma empresa*. Revista Recrearte, n. 07, 2007. Disponível em: <<http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte07/Seccion4/musicoterapia.html>> Acesso em 28 abr 2010.

_____. *Uma nova proposta para as organizações*. 2009. Disponível em: <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Arquivos2009/Extensao/Encontro_musicoterpia/MINI_CURSO_Musicoterapia_Organizacional.pdf> Acesso em 28 abr. 2010.

SANTOS, J.F.S. *Gestão das mudanças: controlando o estresse organizacional*. In: <<http://br.monografias.com/trabalhos/estres-organizacional/estres-organizacional.shtml>> Acesso em: 30 mar. 2010.

SCHEIN, E. H. *Psicologia Organizacional*. 3 ed., Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 211 p., 1982.

SEUBERT, F.; VERONESE, L. A massagem terapêutica auxiliando na prevenção e tratamento das doenças físicas e psicológicas. In: *ANAIS DO ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II*, 2008. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. Disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br/Anais%202008/Fabiano%20e%20Liane.pdf>> Acesso em 01 nov. 2010.

_____. Musicoterapia Organizacional. O discurso, o método e os níveis. In: *ANAIS DO XII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE MUSICOTERAPIA, VI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA E II ENCONTRO NACIONAL DE DOCÊNCIA EM MUSICOTERAPIA*, 2006. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <http://www.sgmt.com.br/anais/p09palestras/Mesa08_p2_MirianSteinberg.pdf> . Acesso em: 28 abril 2010.

STEINBERG, M. A musicalidade nas relações de trabalho. In: *IX FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA E VIII ENCONTRO DE MUSICOTERAPIA DA FAP*, 2007. Anais do IX Fórum Paranaense de Musicoterapia e VIII Encontro de Musicoterapia da FAP, Curitiba: Faculdade de Artes do Paraná. p. 70-72, 2007.

TREVIZANI, et al. *Intervenções micropolíticas na comunidade – a clínica ampliada como intercessora dos processos auto-gestivos*. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_251.pdf> Acesso em: 16 set. 2010.

Recebido: 01/05/2011

Aprovado: 15/05/2011

¹ A Abordagem Gestáltica, ou seja, a Gestalt-terapia constitui-se numa “prática que compreende o homem como um todo, tendo uma visão dinâmica e multidimensional do ser humano” (RODRIGUES, 2007, p. 04).

² O conceito de Panáudio foi formulado com base nas análises de Foucault sobre o Panóptico – sistema de vigilância – e pode ser definido como “um dispositivo de controle produzido a partir dos contextos sonoros do hospital, e que se realiza, portanto, através das relações de poder que se viabilizam por esses contextos sonoros, por relações de poder 'sonoras', por jogos de audibilidade e inaudibilidade” (GUAZINA; TITTONI, 2009, p. 112).